

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

DISPOSITIVOS DO CINEMA EM: A NATUREZA DO CABELO

Isabelle Inácio da Silva¹

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
isabelleinacio18@gmail.com

Marcela Santa Rosa Santos²

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
marcela.s.rosasantos@gmail.com

Penha Caroline da Costa Lopes³

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro
penhacaroline15@gmail.com

Resumo

O presente trabalho faz parte de uma das experiências desenvolvidas dentro do projeto “Os Dispositivos do Cinema e a Geografia Escolar”, em parceria com a professora de Geografia da rede municipal do Rio de Janeiro Yasmin Melo, na Escola Municipal Gonçalves Dias, localizada na Zona Norte da cidade, com uma turma do sétimo ano do Ensino Fundamental II. A atividade teve como objetivo relacionar a natureza com os diversos tipos de cabelos que compõem o espaço escolar, visto que a turma apresenta dificuldades para compreender essa diversidade. No âmbito da Geografia Escolar, o aporte teórico se fundamenta em FERREIRA; TONINI (2020), GONÇALVES (2011), OLIVEIRA JR. (2009) e MASSEY (2009). Já no campo do cinema e educação, as pesquisas se baseiam em MIGLIORIN (2015) e GONÇALVES (2011). Além disso, autores como HOOKS (2018) e KRENAK (2019) foram fundamentais para a construção desta atividade. O projeto atua inserido em uma postura metodológica cartográfica (PARAÍSO; MEYER, 2012), em que as possibilidades de pistas para investigação na experimentação com a Geografia escolar e a Pedagogia dos dispositivos (FÓRUM NICARÁGUA, 2021) contribuem para experienciar diferentes geografias a partir das vivências dos alunos no espaço escolar. Neste sentido, a atividade buscou recuperar a autoestima dos estudantes, mostrando que, assim como na natureza, a diversidade é importante e possui beleza. Dessa forma, tal experiência abriu a possibilidade para outras geografias, além de tratar de um tema sensível com uma linguagem mais acessível e afetuosa.

Palavras-chave: Alunos; Cabelo; Diversidade; Geografia; Natureza.

¹ Graduanda Licenciatura em Geografia. UERJ - Campus Maracanã

² Graduanda Licenciatura em Geografia. UERJ/CEDERJ - Pólo: Campo Grande

³ Graduanda em Pedagogia. UERJ - Campus Maracanã

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Introdução

A Geografia Escolar caracteriza-se como aquela desenvolvida no cotidiano, em que a participação nas disputas curriculares acontece diante das demandas que ocorrem naquele espaço escolar. Compreendemos o espaço escolar como também geográfico, em que configura-se como permanente devir em função das múltiplas trajetórias em aberto que o caracterizam (MASSEY, 2009). Deste modo, pensar estas múltiplas trajetórias em devir com as imagens proporciona olhares outros e, conseqüentemente, geografias outras com este espaço, o que esperamos possa proporcionar um currículo a partir de uma Geografia Escolar mais relacionado com as vivências da comunidade escolar.

Sendo assim, este trabalho apresenta uma atividade realizada em parceria com a Escola Municipal Gonçalves Dias⁴, localizada na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, por meio de oficinas do projeto de Prodocência da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). O projeto intitulado “Dispositivos do Cinema na Geografia Escolar”⁵ visa articular o ensino da graduação à iniciação da prática profissional dos discentes em espaços escolares. Ampara-se teoricamente numa perspectiva metodológica cartográfica (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012) das experiências com estes espaços, em que a pedagogia dos dispositivos (FÓRUM NICARÁGUA, 2021) com o cinema guia os procedimentos metodológicos na (re)criação de possibilidades de problematização sobre geografias com as imagens.

Desenvolvimento

⁴ Parceria com a Profa, Dra. Yasmin Mello (Rede municipal do Rio de Janeiro)

⁵ Coordenado pela Profa. Dra. Débora ScharDOSin Ferreira (Faculdade de Educação e PROFGEO UERJ - Campus Maracanã)

Durante algumas visitas no ano de 2024, o projeto acompanhou uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental II, no qual a professora de Geografia Yasmin Mello apresentou uma inquietação com a problemática do preconceito racial entre os discentes. Tal ato foi reforçado também pelas queixas de uma aluna que ouvia termos racistas sobre o seu cabelo, a ponto de se retirar da sala embravecida com tal situação. Diante disso, como haveria a feira de ciências da escola, a professora regente da turma nos convidou para realizar uma ação que tivesse como intuito a problematização dessa questão na turma. A questão que se pôs foi: como relacionar a Geografia com o preconceito racial manifestado em relação aos corpos destes estudantes e seus cabelos?

Neste sentido, a professora Yasmin Mello manifestou a intenção de trabalhar com a autoestima dos estudantes em relação aos cabelos. Com isso, as bolsistas e o bolsista do projeto, em conjunto com a coordenadora, propuseram um planejamento de oficina que valorizasse a natureza de um modo mais amplo do que a dicotomia entre seres humanos e ambiente natural, já que, com inspiração nas falas de KRENAK (2019), reafirma que somos parte da natureza:

Fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.” (p. 16)

Arelado a essa perspectiva de Krenak e com inspiração nos Cadernos do Inventar com a diferença: cinema, educação e direitos humanos (MIGLIORIN et al., 2016), que contém várias possibilidades de criação com imagens, planejamos uma atividade de criação baseado no dispositivo “cores e texturas” que aponta:

Intensificar a percepção da variedade de peles e marcas corporais das pessoas da comunidade, visando aproximar os estudantes da diversidade que os cerca. Fragmentos de corpos e suas singularidades mínimas — pintas, rugas, cicatrizes — compõem um mosaico da multiplicidade que reflete nossa miscigenação étnica, e todas as marcas deixadas pelo tempo. (p. 44)

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Na prática, este dispositivo pode ser feito de maneira simples, mas que pode haver significado para o aluno no modo de interação e como enxerga a aula mais dinâmica, trazendo assuntos que afetam seu cotidiano.

Produzir imagens juntos com os alunos – sejam elas feitas em sala ou trazidas de casa – é muito vantajoso na construção do conhecimento geográfico, pois a partir delas, o educador pode descobrir o modo como os alunos enxergam o mundo e identificar o que está por trás dessas concepções, se foram produzidas por suas próprias experimentações, ou se são reflexo do que geralmente lhes é transmitido, visto que o smartphone é um objeto bastante utilizado no nosso cotidiano e pode ser útil para o ambiente pedagógico. Nesse sentido, através de práticas que envolvam o uso de imagens, acreditamos que é possível trabalhar uma “geografia menor”. Para explicar esse termo, OLIVEIRA JR. (2009) utiliza as ideias do livro *A menor das Ecologias* de Ana Godoy (2008, p. 52 apud OLIVEIRA JR., 2009). Os termos “maior” e “menor” não são antagônicos, e nenhum deles se sobrepõe ao outro. Ela explica que “trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência”, ou seja, as particularidades dos alunos — no caso dessa oficina, seus cabelos —, nenhum é superior ou inferior ao outro; trabalhamos com singularidade e com as imagens dos elementos da natureza, cujos significados foram trazidos pelos alunos a partir de suas próprias vivências. Na geografia escolar, é possível adotar abordagens que ampliem o olhar dos estudantes sobre o espaço, considerando as contradições sociais, as relações de poder e as experiências vividas no cotidiano.

Com isso, a proposta consistiu em utilizar imagens de elementos naturais que remetem às formas dos cabelos próprios dos alunos. Segundo GOMES (2002), a estética capilar negra é frequentemente alvo de críticas e piadas no ambiente escolar, o que contribui para a desvalorização da identidade de estudantes negros. Dessa forma, a oficina teve como objetivo desconstruir esses estigmas, aproximando o cabelo crespo e cacheado de elementos da natureza, como troncos, espirais e folhas, ressaltando sua beleza e singularidade.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Assim, como procedimento metodológico, a atividade foi desenvolvida com cerca de 25 alunos, utilizando fotografias feitas durante a própria oficina para registrar os cabelos dos estudantes e suas diferentes texturas. A professora Yasmin, ao conduzir a atividade, propôs que os alunos aproveitassem o momento para fazer penteados uns nos outros, e algumas alunas tiveram seus cabelos trançados por uma bolsista do projeto. Posteriormente, seguindo uma ideia da professora, os estudantes foram fotografados com seus penteados sobre um fundo de tecido em estampa afro, momento em que a bolsista do projeto registrou a textura dos cabelos em imagens. Inicialmente, tentamos realizar as fotos individualmente, mas os alunos se sentiram mais à vontade e confortáveis ao serem fotografados em duplas, como mostra a Figura 1, o que favoreceu a participação e a interação entre eles.

Durante o desenvolvimento da atividade, a maioria dos alunos mostrou-se bastante participativa e engajada. Alguns, no entanto, precisaram ser constantemente chamados, pois demonstraram resistência inicial em participar — em especial os meninos, que se mostraram um pouco deslocados e tímidos diante da proposta. Apesar disso, mesmo os mais reticentes acabaram se envolvendo, e houve também meninos bastante animados com a dinâmica. Outro aspecto relevante foi o impacto da representatividade: segundo a professora regente, as meninas negras pareceram sentir-se encorajadas ao ver a participação ativa de uma bolsista negra no processo, o que contribuiu para a valorização da atividade.

Figura 1 – Alunas sendo fotografadas em dupla.

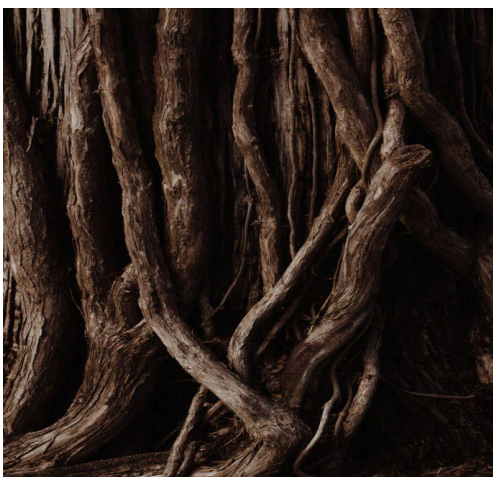


Fonte: Acervo do projeto, 2024.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Figura 2 – Raízes de uma árvore e cabelo cacheado de uma aluna.

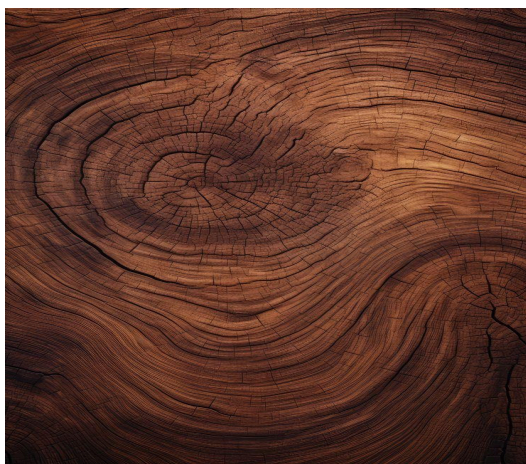


Fonte: Acervo do projeto, 2024.



Fonte: Acervo do projeto, 2024.

Figura 3 - Um tronco de árvore e couro cabeludo.



Fonte: Acervo do projeto, 2024.



Fonte: Acervo do projeto, 2024.

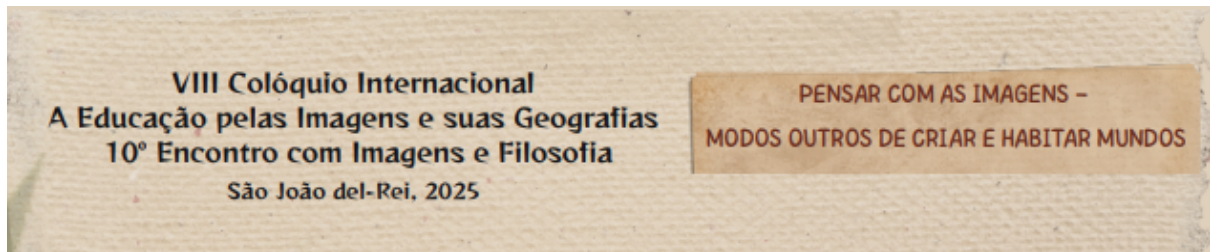


Figura 4 – Cabelo de aluna com tranças e casca da cana-de-açúcar trançado.



Fonte: Acervo do projeto, 2024.



Fonte: Acervo do projeto, 2024.

Durante a feira de ciências da escola, foi organizado pelo projeto uma exposição (Figura 5) em que inseriu-se lado a lado as texturas dos fios de cabelos e texturas de outros elementos da natureza. Também utilizaram-se frases do livro literário infantil *Meu crespo é de rainha*, da autora Bell hooks (2018). Nesse contexto, as imagens colocavam em diálogo as semelhanças e evidenciavam a organicidade das texturas, buscando provocar uma reflexão sobre a conexão simbólica entre a natureza e a identidade humana.

Para a escolha das imagens dos elementos da natureza, os critérios adotados foram a semelhança com as texturas capilares e a semelhança nas formas e contornos, buscando que cada elemento representasse visualmente a diversidade presente na turma e estabelecesse um

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

diálogo simbólico entre natureza e identidade (Figuras 2, 3 e 4). Neste dia, montamos o mural da exposição que reuniu as imagens comparativas entre elementos da natureza e os cabelos dos alunos, compondo uma narrativa visual que evidencia as semelhanças de formas e texturas, com trechos adaptados do livro “Meu crespo é de rainha” da Bell Hooks. (Figura 5) e, durante o restante da feira, nossa interação direta com os alunos foi mais restrita, pois a programação da escola estava voltada para apresentações culturais e para as exposições organizadas pelas turmas. Apesar disso, observamos atentamente a turma, percebendo o ambiente e interagindo em momentos oportunos, seja nas oficinas propostas ou nas trocas espontâneas, sempre respeitando o espaço da escola, dos alunos e da professora regente. Após a montagem do mural, acompanhamos as apresentações na quadra, que incluíram danças e o canto de uma aluna em inglês, momentos bastante animados e acolhidos com entusiasmo pelos colegas. Também participamos das exposições preparadas pelos estudantes, que haviam levado jogos de perguntas, interagindo como participantes e fortalecendo a dinâmica da atividade.

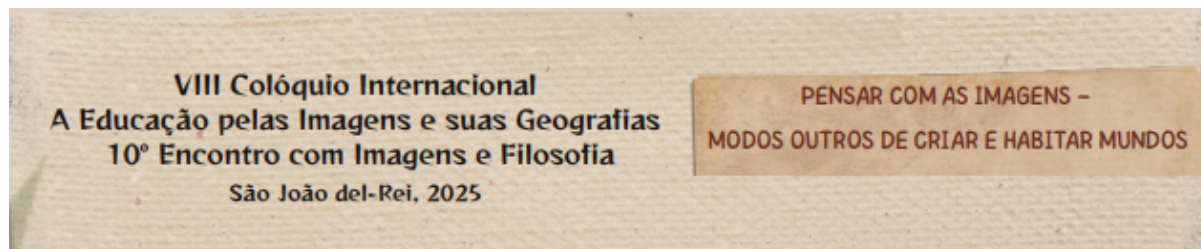


Figura 5 – Mural da exposição



Fonte: Acervo do projeto, 2024.

Embora tenha sido um mural improvisado com poucos recursos, como material de tnt e anexado na grade do corredor das escadas da escola, apontamos o que TONETTO (2022) argumenta sobre as gambiarras escolares, já que

[...] admitindo ou não, em nossas instituições educacionais, na maioria das vezes, não há escolha, é fazer a gambiarra ou ficar esperando as tais condições e materiais para realizar o trabalho, que demoram para chegar, vem em número insuficiente ou nunca chegam. (p. 34)

A autora discorre sobre as gambiarras educacionais que necessitamos fazer, principalmente com as tecnologias, visto a precariedade das infraestruturas educacionais educacional. Nesta oficina podemos elencar a falta de fomento para o projeto, que faz com que utilize-se os smartphones pessoais dos seus integrantes para o registro de imagens, além de recursos próprios para material de consumo e transporte até a escola. Também, a feira de

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ciências da escola, em que nota-se o esforço físico dos organizadores em anexar painéis, cordões, imagens, papéis, recortes, etc. De forma, que TONETTO (2022) argumenta

Mesmo diante de tantas acusações e moldes impostos, apelamos para gambiarra, mas para quê? Para não deixar o/a estudante na mão; para fazer uma boa aula; para ter livros didáticos para toda turma; para fazer um trabalho de campo; para ensinar o/a estudante de inclusão; para atender a mãe desesperada da estudante com fome; para não deixar o prédio da sala de aula cair; para evitar que mais uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) seja fechada; para não deixar a escola do bairro fechar; para fazer uma hortinha (pedagógica) e quiçá complementar a merenda, enfim, complete a lista você leitor/a gambiologista. (p. 34)

Embora tenhamos todos estes entraves, o resultado final nos contentou, pois os estudantes da turma se reconheceram ao observar o mural durante a feira. Também vários professores da escola reconheceram estes estudantes e vieram conversar conosco sobre a “boa ideia” que foi elaborada. Não retornamos a esta turma naquele momento, porque devido a uma “gambiarra” nos fomentos da Universidade, nosso projeto estava já com adiamento do seu término em um semestre e “prometia” ser encerrado no mês seguinte, o que mais uma vez não aconteceu. Isso trouxe instabilidades para nosso vínculo com a escola.

Nesse contexto, de acordo com FERRAZ e NUNES (2013, p. 314), as artes que se pautam na elaboração de imagens, como a pintura, a fotografia e o cinema, visam não apenas representar o mundo por meio de suas linguagens próprias, mas também tornar visíveis as forças imagéticas até então não percebidas, o que reforça a potência simbólica dessa atividade no ambiente escolar.

Essa perspectiva permite a inserção de temas historicamente negligenciados, como as relações raciais (COUTO, 2020), promovendo reflexões sobre identidade, pertencimento e diversidade no ambiente escolar, pois são atitudes que cotidianamente atravessam quem sofre com essas questões.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Segundo MIGLIORIN et al. (2016), cores e texturas podem intensificar a percepção da variedade de peles e marcas corporais presentes na comunidade escolar. A partir disso, é possível aproximar os estudantes da diversidade que existe ao seu redor. As singularidades de cada aluno revelam um mosaico da nossa multiplicidade étnica. Portanto, a oficina foi fundamental para que os estudantes reconhecessem que fazem parte de um espaço macro e se percebessem pertencentes a cada microelemento do ambiente em que estão inseridos. Sendo assim, a natureza, por mais que pareça distante, está em nós — e esse reconhecimento nos aproxima dela de forma simbólica e afetiva, inclusive promovendo autoconhecimento.

Conclusão

Portanto, pode-se concluir que a oficina foi fundamental para que os estudantes reconhecessem que fazem parte de um espaço macro e se percebessem pertencentes a cada microelemento do ambiente que estão inseridos. A natureza, por mais que pareça distante, está em nós – e esse reconhecimento nos aproxima dela de forma simbólica e afetiva, inclusive trazendo a autoestima. Além disso, buscou se criar um mural para apresentar a comunidade escolar essa perspectiva de empoderamento do cabelo negro, mas sem deixar de fora o cabelo liso que também compõem essa diversidade do ambiente escolar.

Embora, devido aos tempos da escola e agenda dos bolsistas não tenhamos retornado a este tema em conjunto na sala de aula, a Professora Yasmim nos relatou que ainda continuou com mais algumas atividades relacionadas a esta questão posteriormente. Essa abordagem contribuiu para o engajamento dos alunos com o tema, oferecendo uma linguagem mais próxima e acessível.

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Referências

COUTO, Aiala Colares Oliveira. *A questão racial e a Geografia escolar crítica: caminhos para uma educação antirracista*. *Revista GeoSertões*, v. 5, n. 10, jun./dez. 2020. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoes/index>. Acesso em: Jun/2025.

FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira; NUNES, Flaviana Gasparotti (org.). *Imagens, geografias e educação: intenções, dispersões e articulações*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 314 p.

FERREIRA, D. S.; TONINI, I. M. *Movimentar diversos mundos com o cinema no ensino de Geografia*. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 6, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18764/2446-6549.e202019>.

Fórum Nicarágua (Migliorin, C., Garcia, L., Pipano, I., & Resende, D.). (2021). *A pedagogia do dispositivo: Pistas para criação com imagens*. In C. Leite, F. Omelczuk, & L. A. Rezende (Orgs.), *Cinema-educação: Políticas e poéticas*. Macaé: Editora NUPEM.

GOMES, Nilma Lino. *A construção da identidade negra: reflexões sobre a trajetória escolar de estudantes negros*. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 25–34, jan./abr. 2002. Disponível em://<http://www.scielo.br/j/rbedu/a/D7N3t6rSxDjmrXrHf5nTC7r/abstract/?lang=pt>.

GONÇALVES, A. R. *A Geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar*. *Biblio 3W. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*, Universidad de Barcelona, v. XVI, n. 905, 15 jan. 2011. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/b3w-905.htm>. Acesso em: 22 set. 2025.

HOOKS, bell. *Meu crespo é de rainha*. Tradução de Nina Rizzi. Ilustrações de Chris Raschka. São Paulo: Boitempo, 2018. Disponível em:

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

https://www.colegioequipejf.com.br/site/uploads/arquivos_conteudo_aluno/4925/1605496441KQwbfmyM.pdf . Acesso em: Ago/2025.

KRENAK, Ailton. *Ideais para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: por uma política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D. *A pedagogia do dispositivo: Pistas para criação com imagens*. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (Orgs.). *Cinema-educação: Políticas e poéticas*. Macaé: Editora NUPEM, 2021.

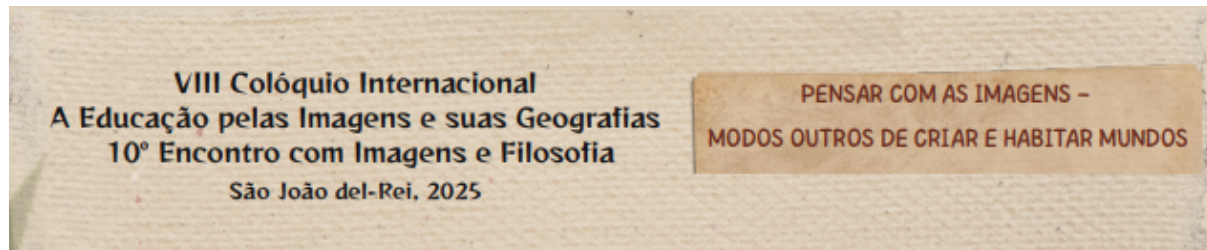
MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Azougue, 2015

MIGLIORIN, Cezar et al. *Cadernos do inventar: cinema, educação e direitos humanos*. Niterói: EDG, 2016. p. 40.

OLIVEIRA Jr., Wenceslao Machado de. *Grafar o espaço, educar os olhos – rumo a geografias menores*. *Pro-Posições (UNICAMP)*, v. 20, p. 7-19, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/qJyszWwyZjGLvnnBvHWFJMJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: Ago/ 2025.

OLIVEIRA, T. R. M. DE; PARAÍSO, M. A. *Mapas, dança, desenhos: A cartografia como método de pesquisa em educação*. *Proposições*, v. 23, n. 3, p. 159–178, 2012.

PARAÍSO, Marlucy Alves; MEYER, Dagmar Estermann. *Metodologias de pesquisas pós-críticas ou sobre como fazemos nossas investigações*. In: MEYER, Dagmar Estermann;



PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. P. 15-22.

TONETTO, Elida Pasini. *Tecnologia é gambiarra*. In: OLIVEIRA, Aldo Gonçalves, et. al. (Orgs.) **Linguagens do desaprender**: gestos intensivos e políticas dos afetos. Porto Alegre: Evangraf, 2022.